

Ensino de Filosofia a partir de uma relação com os clássicos: uma possibilidade para prática filosófica em sala de aula

Rogério Sérgio dos Santos ¹

Resumo: Este trabalho tem como propósito analisar o ensino de Filosofia a partir de uma relação com os clássicos, como uma possibilidade para a prática filosófica em sala de aula. A pesquisa surge com o seguinte problema: o que trabalhar no ensino de Filosofia ou como trabalhá-lo? Para tanto, realizou-se uma análise bibliográfica das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e de publicações de teóricos como Alejandro Cerletti e Silvio Gallo. Com isso, revelou-se a possibilidade da construção de uma proposta metodológica de ensino da Filosofia com a sua história. Dessa forma, é possível demonstrar que os saberes antigos, mesmo referentes a um contexto diferente do nosso, ainda são pertinentes para a prática filosófica em sala de aula atualmente.

Abstract: This work aims to approach the teaching of Philosophy from a relationship with the classics, as a possibility for philosophical practice in the classroom. The research arises with the following problem: what to work in the teaching of Philosophy or how to work it?. Through this, it is shown through a bibliographical analysis in the National Curriculum Guidelines for Secondary Education, as well as in the theorists Alejandro Cerletti, Silvio Gallo and other authors, the possibility of building a methodological proposal for teaching Philosophy with its history. Where it is demonstrated that ancient knowledge, even referring to a context different from ours, is still possible for philosophical practice in the classroom today.

Introdução

Inicia-se a pesquisa com as mesmas perguntas corriqueiras que são feitas por diversos autores e profissionais de filosofia: o que trabalhar no ensino de filosofia ou como trabalhar? A partir desses questionamentos, surgem respostas como trabalhar a história da filosofia, temas atuais ou mesmo a relação dos dois etc. Mas é importante ressaltar que esses são grandes impasses enfrentados atualmente. É por esse motivo que se apresenta nesse trabalho o ensino de Filosofia a partir de uma relação com a história da filosofia como possibilidade para a prática filosófica em sala de aula.

Embora apenas como uma possibilidade, trabalhar o ensino de Filosofia com uma relação com os clássicos ainda se apresenta como um grande desafio. Basta olhar para a história da Filosofia enquanto disciplina para perceber que este ainda é um tema que gera discussões entre diversos autores. Existem debates infundáveis no âmbito acadêmico sobre a importância desses saberes na prática em sala de aula. Porém, os manuais utilizados pelos profissionais de Filosofia das escolas públicas brasileiras, de autores como Marilena Chauí, Aranha e Martins, Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes, sempre fazem uma sequência cronológica dos saberes filosóficos, indo desde a filosofia pré-socrática às discussões mais atuais. Isso é uma

¹ Autor, 2023. Ensino de filosofia a partir de uma relação com os clássicos: uma possibilidade para prática filosófica em sala de aula

demonstração da importância de trabalhar a história da Filosofia. Porém, apesar dos impasses, é importante ressaltar que o maior problema aqui não é trabalhar a história da Filosofia, mas sim como trabalhá-la.

Há estudiosos que podem criticar a utilidade de saberes antigos no contexto atual, já que tais saberes faziam parte de um contexto diferente do nosso. Dessa forma, como trazer para a atualidade algo escrito em tempo tão longínquo?

É com base nesse problema que se discute nessa pesquisa a importância de trabalhar a Filosofia estabelecendo uma relação com os clássicos, demonstrando que os saberes vinculados à história da Filosofia são possíveis para que se estabeleça uma relação com os saberes atuais. Não se fala aqui de transpor todos os saberes da história da filosofia como verdades incontestáveis ou forma pronta, pois é fato que muitos desses saberes não têm validade no nosso contexto.

Desse modo, cabe ao professor estabelecer meios que possam dar significado a esses saberes nas aulas de Filosofia, para que não se tornem apenas uma repetição de conceitos prontos ou mesmo transmissão de informações sobre o que os filósofos discutiram na história. Pensando nisso, recorreu-se a autores como Alejandro Cerletti (2009), Silvio Gallo (2012) e Lídia Rodrigo (2009), assim como às Diretrizes Curriculares Nacional para o Ensino Médio, para fundamentar a proposta.

É importante deixar claro que esta não é a melhor nem a única forma de trabalhar os conteúdos filosóficos, pois acredita-se que a Filosofia não pode se resumir única e simplesmente a uma proposta ou método, já que não existe forma pronta para seu ensino. Desse modo, essa proposta é tratada aqui como uma possibilidade.

2. Ensino de Filosofia numa relação com a História da Filosofia

Trabalhar a história da Filosofia, sobretudo com relação aos clássicos, e como deve ser trabalhada ou não são questionamentos constantes que fazem parte dos debates atuais no ensino de filosofia. Esse é também um desafio, mas a tarefa aqui é mostrar que essa é mais uma possibilidade viável para o ensino de Filosofia.

Primeiro é necessário destacar a importância de trabalhar a história da Filosofia como subsídio para compreender os saberes filosóficos, destacando sua relação com os saberes atuais, já que não há saberes presentes que não tenham uma relação com o passado. “A Filosofia seria o que os filósofos fizeram ao longo da história, os problemas por eles colocados, suas tentativas de resolver questões fundamentais, enfim, sua obra” (CERLETTI, 2009, p. 31). Isso que Cerletti afirma é uma demonstração da importância da presença dos clássicos no seu ensino, de modo que trabalhar a Filosofia é uma forma de vivenciar o que foi pensado ao longo de sua trajetória.

A presença dos clássicos pode ser percebida também em um de nossos documentos legais, que são as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, pois elas apresentam um roteiro com sugestões de conteúdos que podem ser trabalhados no Ensino Médio das escolas brasileiras. Nestas sugestões, aparecem textos clássicos que podem ser usados pelos professores nas suas aulas.

Outro ponto de destaque que pode ainda ser observado nas Diretrizes Curriculares é que pode ser feita uma ligação entre os clássicos e temas atuais. Essa ligação pode ser realizada quando pensamos os problemas atuais sob um olhar da atualidade e também da história. Isso pode ser realizado através de duas etapas estabelecidas por Gallo: a problematização e a investigação. Primeiro pode ser feita a problematização da temática trabalhada e depois o professor pode buscar na história a solução para os problemas filosóficos.

Percebe-se que a Filosofia mantém uma relação estreita com a história, pois é a partir dos textos filosóficos que se constituem os problemas e sempre o retorno aos textos clássicos ajuda a descobrir sua identidade, assim também como sua atualidade e sentido (BRASIL, 2006). Gallo (2012), sobre esse retorno, afirma que

[...] se nos dedicarmos ao ensino de filosofia buscando o processo do filosofar, esquecendo-nos do historicamente produzido, perderemos a legitimidade para tal ato. A recusa da tradição (história da filosofia) que é a única maneira de manter vivo o legado, continuamente criando e produzindo, só é possível a partir dessa mesma tradição: nada criaremos se não a tomarmos como ponto de partida. (GALLO, 2012, p. 43).

Pelo que Gallo diz, percebe-se a importância de trabalhar a Filosofia com uma ligação ao passado filosófico, pois ela serve como ponto de partida para pensarmos outras questões, assim como para sua legitimidade.

Cerletti (2009), contribui para a compreensão dessa relação também com os saberes filosóficos históricos, quando afirma que não é possível criar a partir do nada. O que filósofos fizeram e fazem é recriar e reconstruir seus problemas. Refazem atualmente questionamentos que outros algumas vezes já fizeram. “Nesse refazer, o filósofo estende-se em direção ao passado. Mas ao mesmo tempo, projeta-se em direção ao futuro, inventa novos questionamentos, mesmo quando o filósofo rompe radicalmente com o anterior” (CERLETTI, 2009, p. 32). Ele ainda diz que “Aqueles que ensinam filosofia vivificam os velhos problemas e os reconstróem de modo que formem parte do presente de uma aula” (CERLETTI, 2009, p. 32).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio ainda ressaltam sobre a história da Filosofia quando diz o seguinte.

É salutar, portanto, para o ensino da Filosofia que nunca se desconsidere a sua história, em cujos textos reconhecemos boa parte de nossas medidas de competência e também elementos que despertam nossa vocação para o trabalho filosófico. Mais que isso, é recomendável que a história da Filosofia e o texto filosófico tenham papel central no ensino da Filosofia, ainda que a perspectiva adotada pelo professor seja temática, não sendo excessivo reforçar a importância de se trabalhar com os textos propriamente filosóficos e primários, mesmo

quando se dialoga com textos de outra natureza, literários e jornalísticos, por exemplo – o que pode ser bastante útil e instigante nessa fase de formação do aluno. Porém, é a partir de seu legado próprio, com uma tradição que se apresenta na forma amplamente conhecida como História da Filosofia a, que a Filosofia a pode propor-se ao diálogo com outras áreas do conhecimento e oferecer uma contribuição peculiar na formação do educando (BRASIL, 2006, p. 27).

Aqui é possível perceber o quanto é importante manter uma relação com os saberes deixados pelos filósofos passados, pois tal legado ajuda a compreender a dinâmica do ensino, assim como oferece elementos para formação humana. “Ter a história da Filosofia como referencial pode tornar as aulas mais atraentes e mais fácil a vinculação de questões filosóficas” (BRASIL, 2006, p. 38). Podemos afirmar também que tais saberes ajudam a compreender questões atuais.

Carvalho também aborda a importância de trabalhar Filosofia em consonância com os clássicos. Segundo ela, é um equívoco pensar que se pode distinguir Filosofia e história da Filosofia como se as questões pensadas filosoficamente hoje não tivessem uma ligação com o passado (CARVALHO, 2013). Para ela, as duas têm de andar juntas, pois seria uma ignorância brutal e ingênua desprezar tais saberes, “porque imagina que está descobrindo uma coisa que provavelmente vem de trinta séculos antes de você, que já foi dita” (CARVALHO, 2013, p. 22).

O que Carvalho diz é uma demonstração de que devemos trabalhar a Filosofia em relação com esses saberes, pois desprezá-los significa não valorizar todo o legado filosófico deixado pelos nossos antecessores. A autora ainda ressalta a importância da história da Filosofia a partir da análise de que:

a obra nasce da percepção de que há uma falta; a obra anterior deixou uma falta e eu vou prosseguir, vou cobrir essa falta, vou preenchê-la- só que, ao fazer isso, eu o faço no campo da expressão, um campo que é sempre de sobre determinação, de tal modo que há um excesso de significação e abro uma história, capturo uma história que me antecedeu e abro outra pela qual não sou responsável. (CARVALHO, 2013, p. 23).

Muitas coisas que se fazem hoje têm uma ligação com o passado, e muitas vezes são apenas readaptadas, pensadas de outro modo, para outro contexto. O fato é que os conhecimentos do passado serviram como ponto de partida para se pensar de um jeito diferente, ou mesmo para preencher um vazio que foi deixado na obra anterior (CARVALHO, 2013). Assim, preenche-se o que faltou, usando tais saberes como aposte para pensar igual ou diferente, readaptando à própria maneira. Assim, podemos entender que

A história da filosofia é de alguma forma história do presente, pois é construída a partir das questões que nos animam a pensar o mundo contemporâneo. A história da filosofia somos nós, portanto, porque a reinventamos continuamente e porque ela é parte integrante de nossa identidade individual e de nossa cultura ocidental (CORNELLI, et al., 2013, p. 55).

Voltar a história significa exercitar o filosofar. Esse exercício é importante para trilharmos os caminhos dos saberes filosóficos, conhecer os problemas do passado, pensar o presente e o futuro a partir

de tais saberes, demonstrando que os saberes filosóficos desde os mais longínquos de nós ainda se mantêm vivos. Cabe a nós sabermos também que nem tudo pensado anteriormente ainda pode ser usado atualmente. “O exercício do filosofar consiste também em insistir no extemporâneo, em trazer para o presente as inquietações que não são desse tempo e exercitar o filosofar em nossos dias é, pois, uma forma de resistir a essa aceleração e fluidez para o conceito (GALLO, 2012, p. 23).

A história da filosofia deve, portanto, ser apresentada aos estudantes como algo vivo, cujas elaborações passadas não perdem atualidade, na medida em que oferecem categorias e referências teóricas capazes de continuar nutrindo nossas reflexões no presente. Ela deve apresentar-se, enfim, como reflexão no presente (RODRIGO, 2009, p. 50).

Rodrigo também disserta sobre a importância de construir um trabalho indissociável da filosofia com o filosofar. Essa é uma forma de romper velhas concepções da disciplina como um arquivo morto ou mesmo como crônicas do passado sobre a vida dos filósofos. Ele ainda ressalta que não deve substituir a reflexão pela informação (RODRIGO, 2009).

O que Rodrigo diz serve como alerta para os professores na hora de trabalhar os conteúdos de Filosofia, pois são notáveis ainda no Ensino brasileiro as velhas práticas de aulas de Filosofia onde substitui-se a reflexão crítica sobre os conteúdos filosóficos pela informação. Isso acontece geralmente por um problema muito presente nas aulas nas escolas públicas de nosso país, que é a má formação profissional ou mesmo atuação de professores formados em outras disciplinas que lecionam Filosofia. Isso tende a resumir a história da Filosofia a uma mera repetição da vida dos filósofos ou mesmo do que foi dito por eles. Esse é o um dos grandes problemas que acontecem atualmente, pois demonstra ser uma maneira incorreta de tratar os conteúdos clássicos. Assim, o professor aparece como peça fundamental na hora de formular os conteúdos para suas aulas. Afinal, ele deve trabalhar de forma cuidadosa os mesmos (BRASIL, 2006).

Desse modo, mostra-se a seguir a importância do papel do professor na prática desses saberes. Aqui, apresentam-se propostas metodológicas com base em Cerletti e Gallo de como trabalhar tais saberes.

2.1 O papel do professor

Quando se aborda a função e papel do professor nessas condições descritas, procura-se alertar que os conteúdos não sejam um somatório manufato, antifilosófico de doutrinação, como ocorre nas aulas tradicionais de Filosofia, em que o aluno decora o que é posto pelo professor. Procura-se, na verdade, que se tenha uma visão crítica, reflexiva do que é ora trabalhado. Acredita-se que trabalhar a Filosofia sem a criticidade é uma forma de sucumbir os saberes filosóficos a um caminho sem volta ou a uma mera doutrinação de saberes dogmáticos.

Nessa perspectiva aqui proposta, o professor aparece como mediador nesse processo, devendo instigar os alunos a terem uma visão crítica sobre os conteúdos filosóficos, para que tais conteúdos não sejam assimilados como verdades prontas acríticas.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Ensino Médio, o professor não deve doutrinar ou inculcar valores, mas despertar para a reflexão filosófica, bem como transmitir o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente (BRASIL, 2006, p. 33). Nas Diretrizes Curriculares pode-se perceber tanto a importância do papel do professor quanto a centralidade na história da filosofia como base adequada para as questões filosóficas.

Desse modo, acredita-se que para trabalhar os conteúdos da história da filosofia é preciso de uma relação estreita entre o professor e os conteúdos, pois este é quem pode dar significado aos saberes clássicos para que de fato essa proposta tenha relevância no ensino de filosofia, isto é, não seja um saber doutrinado, pronto e acabado, que substitui a crítica pela informação.

Segundo Cerletti (2009, p. 33-34) “ensinar filosofia não significa somente trasladar os saberes tradicionais da filosofia pela mediação do professor ao aluno no plano da repetição, mas revisar esses saberes no contexto das aulas a partir deles ou com eles”. É aquilo que o autor chama de repetição como condição de criação, ou seja, é o que Badiou chamava de “repetição criativa”.

Segundo Cerletti (2009, p. 34),

[...] a Filosofia estaria identificada sempre pelo jogo permanente daquilo que se afirma e põe em dúvida; por essa tensão entre afirmação, a oposição e a criação. Isso faz com que, à diferença da ciência, cujos avanços teóricos vão silenciando seu passado, a filosofia se desdobre, tornando parte de si esse constante morrer e nascer.

A Filosofia é um saber que não se apaga, isto é, os saberes antigos não são excluídos pelos saberes novos. Cabe a nós sabermos usar e dar significação a eles.

Portanto, aqui o professor não exclui os saberes, mas usa como repetição para criação do novo. É pensar o atual a partir do já pensado e não como mera repetição da história. Cerletti demonstra como ensinar filosofia no ato do filosofar, isto é, aprenderia a mesma começando a filosofar (CERLETTI, 2009).

Nesse plano da repetição e criação, há uma relação do objeto e sujeito, de modo que a separação dos dois esgotaria o ensino. O professor deve ir além da transmissão de informação, como é feito no ensino tradicional, e produza uma mudança subjetiva. Essa mudança deve ser tanto de quem ensina como de quem aprende (CERLETTI, 2009).

“Os professores de Filosofia ocupam o difícil lugar da transmissão, da provocação e do convite. Transmitem saberes, mas provocando o pensamento e convidando a pensar (CERLETTI, 2009, p.39)”. É aqui que se encontra o diferencial na forma como devem ser abordados os saberes da história da filosofia. O professor não deve transmitir os conteúdos sem a provocação do pensamento, da criação do novo,

problematizando o que está ali posto. Na visão de Cerletti (2009), o bom professor é aquele que instiga a pensar criticamente, a argumentar, não repetir de memória. Isso é válido na concepção dele para qualquer disciplina, não apenas para a filosofia. Ele também afirma que “o professor deve criar as condições para que os estudantes possam tornar própria uma forma de interrogar e a vontade de saber (CERLETTI, 2009, p.39).

Outra forma de trabalhar os conteúdos filosóficos, sobretudo os clássicos, como possibilidade metodológica para o ensino de filosofia é a proposta metodológica da formação de conceito, conforme Silvio Gallo.

As aulas de filosofia, precisam ser vistas como uma oficina de criação de conceito. Não é uma sala de museu onde se contempla conceitos criados há muito tempo e que são vistos como meras curiosidades, mas como um local de trabalho onde os conceitos sejam ferramentas manipuláveis, como um laboratório onde se façam experiências e experimentações com os conceitos. Dessa forma, teremos na sala de aula de filosofia como uma atividade, como um processo e não como um produto (GALLO, 2012, p. 57).

Os conteúdos filosóficos sob essa óptica não devem ser postos para serem contemplados, como algo pronto, mas como um processo contínuo que não se encerra, que se renova. Ou seja, não como algo a ser decorado para uma prova, a qual o aluno responde o que memorizou nas aulas, como mera repetição dos saberes da história da filosofia.

Silvio Gallo (2012) alerta para o problema das aulas de filosofia sob forma de contemplação. Ele considera esse viés um desastre da filosofia, pois leva quase a uma estagnação ou mesmo uma paralisia dos saberes filosóficos. Isso é feito geralmente quando são apresentados de forma histórica ou temática os conteúdos, e desse modo, não se pode esperar algo muito produtivo.

Assim, é importante forçar na pedagogia de conceito como uma possibilidade metodológica para trabalhar a história da filosofia. Para que seja possível essa metodologia, é necessário desenvolvê-la com base nos quatro momentos didáticos: sensibilização, problematização, investigação e conceituação (GALLO, 2012).

O professor precisa trabalhar nesse viés, para uma possível efetivação dessa proposta. Na primeira parte da sensibilização é o momento de chamar atenção dos alunos para o tema trabalhado. Aqui o professor pode criar uma empatia com os alunos através de alguns recursos como música, peça teatral, filme, desenho animado etc (GALLO, 2012). Feito isso, vem a problematização. Nessa parte é o momento de “transformar o tema trabalhado em problema, isto é, fazer com que ele suscite em cada um o desejo de buscar soluções” (GALLO, 2012, p. 97). É aquela questão de promover discussões sobre o tema por diversos ângulos sempre problematizando e não repetindo a história como ela é ou foi escrita. Dessa forma, estimula-se o espírito crítico dos discentes quanto à filosofia.

Dessa forma, estimula-se o espírito crítico dos discentes quanto à filosofia.

Feito isso, vem a terceira etapa da investigação, com a qual o professor vai buscar solução para o problema em questão. Gallo propõe que se busque a resposta na história da filosofia. O autor completa afirmando que nessa parte da investigação pela história da filosofia, se encontramos conceitos significativos para o nosso problema em questão, deve-se trazer para nosso contexto. Caso não sejam encontrados conceitos pertinentes para dar conta do problema, certamente os elementos que permitam a criação serão encontrados (GALLO, 2012). Isso ajuda a fundamentar a ideia aqui trabalhada, pois sustentação a importância de não se desprezar a história da filosofia.

Assim, é possível afirmar que os temas clássicos, mesmo que com muitas coisas escritas ou discutidas em um contexto diferente e tão longínquo do nosso, ainda nos oferecem elementos importantes para as discussões atuais. Afinal, é como diz o próprio Silvio Gallo, ao frisar que “a criação ou recriação de conceitos não se criam no vazio, com base em nada: são os próprios conceitos da história da filosofia ou seus elementos constitutivos que nos darão a matéria prima para nossa atividade de criação” (2012, p. 98) “Nessa etapa de investigação, revisitamos a história da filosofia. Ela não é tomada como centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas” (GALLO, 2012, p. 97).

Por fim, vem a etapa da conceituação. “Trata-se de recriar os conceitos encontrados de modo que equacionem nosso problema, ou mesmo de criar nossos conceitos” (GALLO, 2012, p. 97). Aqui, é possível tanto recriar os conceitos a partir daquilo ora posto, como criar os próprios conceitos, já que a filosofia nunca se encerra.

Dessa forma, percebe-se que, trabalhando nesse viés, é possível superar aquela velha filosofia onde se troca a crítica pela informação.

Considerações finais

Portanto, abordou-se nesse trabalho o ensino de filosofia a partir de uma relação com os clássicos como uma tentativa de mostrar que é possível trabalhar essa prática filosófica em sala. Revelou-se que diante do impasse de trabalhar ou não tais saberes e mesmo fazendo parte de um contexto diferente do nosso, ainda são relevantes atualmente. Isso podemos evidenciar através do papel do professor pela forma como são trabalhados tais conteúdo.

Ao longo do texto, a partir das propostas metodológicas de Gallo e Cerletti, isso foi evidenciado. Destacou-se nesse processo o papel do professor, que aparece como aquele estabelece meios que possam dar significado a esses saberes nas aulas de Filosofia, para que não sejam apenas uma repetição de conceitos prontos ou mesmo transmissão de informações do que os filósofos discutiram na história, como na velha prática do ensino tradicional.

É importante deixarmos claro que essa é apenas uma possibilidade e não a melhor ou a única forma de trabalhar os conteúdos filosóficos, pois acredita-se que a Filosofia não pode resumir-se única e simplesmente a uma proposta ou método, já que não existe forma pronta para seu ensino. Com isso, espera-se que esse trabalho possa contribuir para outros estudos posteriores, assim como suporte de orientação para a prática profissional em sala de aula.

Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

CARVALHO, M. Sobre a filosofia e a história da filosofia. Entrevista com Marilena Chauí. In : CARVALHO, M; CORNELLI, G. **Filosofia e formação**. Cuiabá, MT: central de texto, 2013.

CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico/** tradução Ingrid Muller Xavier- Belo Horizonte: Autentica. Editora, 2009.

CORNELLI, G; CARVALHO, M; COELHO, M. C. M.N. Filosofia e o conceito de clássico. In CARVALHO, M; CORNELLI, G. **Filosofia e formação**. Cuiabá, MT: central de texto, 2013.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP:Papirus,2012.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.